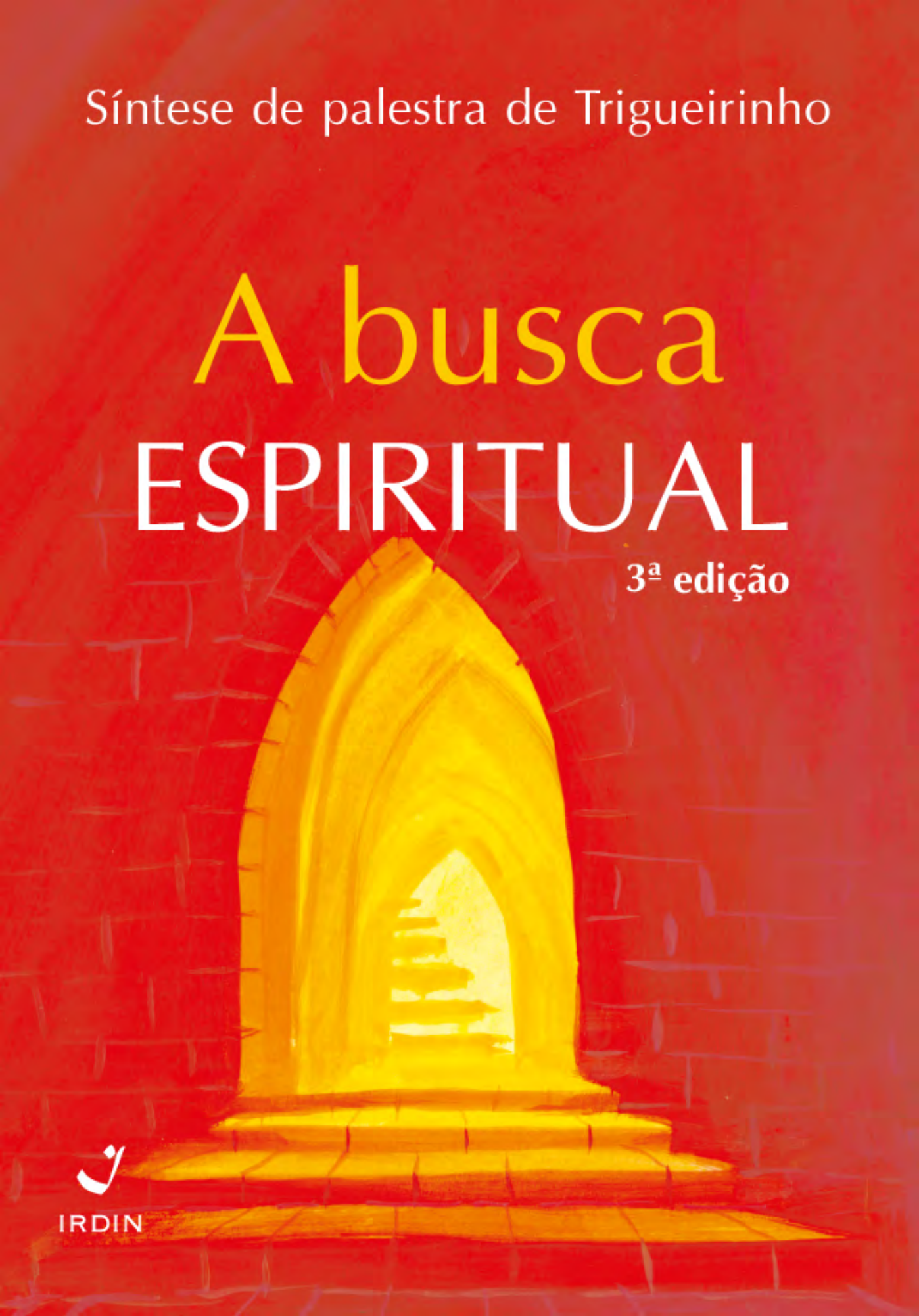
Síntese de palestra de Trigueirinho

A busca ESPIRITUAL

3ª edição



IRDIN

A busca ESPIRITUAL

Com base em palestra
de Trigueirinho

3ª edição

IRDIN

2014

Copyright 1997 ©
José Trigueirinho Netto

A Editora Irdin dedica-se a
publicações como um serviço altruísta,
visando estimular a descoberta do
potencial evolutivo que existe
dentro de cada ser.

1ª edição, 1997

2ª edição, 2009

3ª edição, 2014

Direitos reservados
ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA
Carmo da Cachoeira/MG
CNPJ 07.449.047/0001-86
Tel. (35) 3225-2616
www.irdin.org.br | info@irdin.org.br

O início da busca

Muitos perguntam como começar a busca espiritual, mas na verdade essa procura não tem um começo definido: a certa altura da vida tomamos consciência de que ela existia. Esse despertar para a busca está inserido na evolução do ser, que é contínua.

No princípio pensa-se que a vida é uma coisa e a busca espiritual outra. Mas não é assim: tudo o que acontece em nossa vida nos leva gradualmente à união com a totalidade, com o universo de que somos parte.

Na Bíblia é dito que temos todos

os fios de cabelo contados e que não cai sequer uma folha de árvore sem que o "Pai" saiba. O "Pai" é o todo, o único, a totalidade.

Esse dito se aplica também à busca espiritual. A partir do momento em que tomamos consciência de estar sendo atraídos para os níveis espirituais, as menores coisas parecem-nos acontecer em função de tornar essa via mais clara.

Tudo se revela guiado e determinado pelo nosso núcleo profundo, núcleo que é um universo em miniatura, perfeitamente integrado nas leis de harmonia cósmica.

As ajudas para a busca

As orientações que encontramos nos livros sobre a busca espiritual estimulam nosso caminhar. Muitos deles elevam-nos a mentalidade, despertam-nos a aspiração e ajudam-nos a agir de forma coerente com o que vai em nosso íntimo.

Entretanto, como cada um de nós é uma criatura singular, a busca é feita de maneira individual e única. Ela se constitui de todos os fatos da vida, das energias que a pessoa manifesta, das circunstâncias em que se acha. O que ocorre é, portanto, diferente do que ocorreu com os autores dos livros

sobre o assunto: é sempre algo imprevisível e inédito. As informações servem como referência ou como esclarecimento, mas não deveríamos esperar passar pelas etapas da busca espiritual da mesma forma como foram descritas.

Consideremo-nos uma obra de Deus, original, e vivamos nossa aprendizagem sentindo-nos muito especiais para Ele, amando-o imensamente por nos ter criado.

Observando com a devida atenção os fatos de nossa trajetória, os encontros que tivemos e as circunstâncias que nos cercaram nas diversas fases por que passamos, percebemos que tudo é guiado por uma inteligência maior e que

nada está fora da unidade essencial do universo. E quando a mente reconhece isso, não deve criar obstáculos ao que é previsto pelo núcleo espiritual do ser.

O que nos guia é esse eu interno, que nada mais é que nós mesmos numa região elevada da consciência, onde já não há divisões nem vacilações.

Nossa atitude básica deve ser a de não criar obstáculos, a de manter-nos como observadores lúcidos e dispostos a captar os mais discretos sinais. A partir daí, recolhemos os ensinamentos que todas as coisas nos transmitem e valemo-nos deles com adaptabilidade, inteligência e, principalmente, amor e gratidão.

Uma experiência de busca

Nunca tive dúvidas de que participo de uma realidade maior e de que há outros níveis de consciência. Também nunca duvidei de que sou guiado por algo interno. Mesmo na infância e na adolescência, quando não me ocupava conscientemente da busca, essa certeza sempre esteve presente em meu íntimo.

Assim, pude ver que os fatos marcantes da minha vida estavam traçados e que só me cabia reconhecê-los. O que parecia novo na verdade acontecia desde sempre, e no

momento da experiência concreta apenas se projetava externamente. Apesar disso, quando os vivia, eram "novos" para mim, e nem sempre podia controlar seu desfecho.

Por causa da certeza de ser guiado, ao sucederem fatos incomuns eu não opunha resistência a eles; entrava na experiência sem conflitos — e por estar inteiro, decidido a caminhar, não me preocupava com resultados.

Nunca me perguntei onde tudo aquilo iria acabar. Aprendi que, se não interferimos no fluxo das coisas quando elas são guiadas internamente, tudo se dirige para o bem. Temos de vigiar sempre, estar atentos, mas sem preo-

cupações.

Fazer essas constatações é sinal de estar sendo guiado. Essa percepção é fruto da atuação do eu interior, porque ninguém chega a ela apenas contando com a própria parte consciente, ou com a própria experiência.

Na vida comum as distrações são muitas, e quem não se dispersa e assume a busca espiritual é porque de alguma forma já está sendo conduzido, ou melhor, autoconduzido.

Orientação em um sonho

Num sonho, certa vez me foi mostrado um galpão onde havia pessoas muito agitadas. Reconheci aquele lugar como uma representação do meu ambiente de trabalho de então. Encontrava-me na parte mais alta do galpão e observava o que ali transcorria. De onde eu estava, descia um miniteleférico levando um recém-nascido todo envolto em um cueiro. Quando chegou lá embaixo, era como se a criança entrasse na grande confusão reinante entre os presentes, e nas suas atividades caóticas. Ao acordar,

pela manhã, compreendi que naquele sonho havia uma mensagem muito importante. Por meio de símbolos, ele me impelia a abandonar a profissão. Aquele recém-nascido representava um novo aspecto meu que não podia desenvolver-se adequadamente se eu continuasse nela. "Abandone-a", dizia a minha consciência, "senão a criança morre".

Eu era muito idealista naquela atividade e já a realizava havia sete anos. Deixá-la era, portanto, uma considerável prova de desapego, e durante alguns dias ainda perguntei ao meu núcleo interno: "Sim, abandonarei o que estou fazendo, mas que vai ser em

seguida?" E não me vinha resposta alguma! É nesses momentos que corremos o risco de duvidar, de achar que a percepção interna não tem valor, de ficar com medo e pensar em não seguir de imediato a orientação recebida.

Mas, mesmo ignorando o que ia acontecer depois, dei os passos necessários para me desligar de tudo. Saí daquela profissão sem dar maiores explicações aos amigos e parentes e fiquei por algum tempo como se fosse levado no teleférico do sonho, suspenso no ar. Experimentava uma sensação de vazio por ter saído de onde estava e não me encontrar ainda aonde teria de chegar.

Minha situação não era cômoda: estava num país estrangeiro, sem moradia estável, sem dinheiro, sem apoio de pessoa alguma. Paradoxalmente, sentia grande alegria porque, quando reconstruía o sonho que me ficara bem gravado na memória, vinha do interior do meu ser a confirmação de que era verdadeiro. E enquanto tomava as providências para me desligar de todos os compromissos, dentro de mim reafirmava-se: "Isso é o certo. Abandonar tudo é o certo". E assim foi feito.

Passou-se algum tempo, e um dia recebi um bilhete de um conhecido: "Venha à minha casa, porque tenho algo a conversar com você". E quando fui,

caminhando a pé porque já não tinha dinheiro para transporte, a nova conjuntura de minha vida me foi oferecida. Tratava-se de uma atividade tão diferente da anterior que se diria impensável. Era algo que nunca eu poderia ter imaginado vir a fazer. Mas aderi de imediato, sem resistir nem titubear. Sentia, nesses momentos decisivos de mudanças, uma enorme força interior.

Um antigo amigo não se conteve, e em dado momento me disse: "Que coragem!" Ignorava que não se tratava de coragem, mas da certeza de que no desconhecido estava o cumprimento da vontade do meu eu interior.

A partir disso, tudo o que acontecia apresentava-se como se tivesse sido planejado de antemão. As coisas surgiam organizadas, claras, decididas, e eu jamais poderia duvidar de que era guiado numa série de situações que para os demais poderiam parecer absurdas.

As vivências não são iguais para todos os que fazem a busca espiritual. Conheci pessoas cujo eu interior era menos drástico e as guiava para tomarem decisões mais graduais. Na verdade, podemos receber vários tipos de orientações internas. Algumas indicam o que não fazer,

mas não o que deve ser feito. Outras mostram determinada coisa nos níveis superiores e o modo de concretizá-la na vida prática. Tanto num caso como no outro, a preocupação com os resultados tem de ser eliminada para que a entrega à condução interna seja incondicional. Obviamente é necessário fé. Só ela elimina a tendência natural a interferir no curso indicado.

Fé

Depois do sonho com a criança no teleférico e mediante o que ia ocorrendo em minha vida, comecei a perguntar-me o que é realmente a fé. Que força poderosa foi aquela que me deixou tão firme enquanto me sentia suspenso no ar?

Ficou então claro que fé é a certeza de existir, de fazer parte da vida, sem jamais ter abalada a consciência da imortalidade.

Vi que a fé é um estado da alma, do próprio eu interior, e que não nasce na mente humana.

Como todos têm alma, todos têm fé, embora a maioria se distancie dessa realidade fundamental. Mas, mesmo que não se reconheça a existência da fé, ela está no centro de cada ser, e sem ela ninguém estaria vivo.

A certa altura, mais cedo ou mais tarde, todos entram na busca espiritual e descobrem a fé. Mas, enquanto esse amadurecimento não se dá, grandes são os desvios e as vacilações a que se expõem.

A entrega do livre-arbítrio

Quando a fé está presente, continuamos a usar o livre-arbítrio, mas para optar por seguir a vontade superior e não a vontade pessoal. Posteriormente, mais amadurecidos nesse caminho, podemos escolher entregar o próprio livre-arbítrio ao eu interior. E mesmo quando temos de exercer o discernimento, podemos fazê-lo sem jamais esquecer que somos guiados e que tudo acabará como o eu interior realmente prevê. Nossas escolhas se tornam, portanto, uma procura de fazê-las coincidir com a vontade maior, do profundo do ser.

Mas algumas vezes nos é dado esquecer que somos guiados, para vermos a diferença entre agir conduzidos interiormente e agir por conta própria. Nessas situações equívocas, porém muito instrutivas, fazemos coisas com as quais não estamos de acordo. Perceber isso nos leva a querer deixar de agir por nós mesmos o mais depressa possível.

A entrega ao eu superior não quer dizer ausência de razão. A razão continua existindo, e não temos de aboli-la. O exercício é usá-la sempre que necessário, da melhor forma, porém a serviço de algo maior. É ofertá-la continuamente à sabedoria que

está além, para que as energias superiores a alimentem e transfigurem.

Ao ficarmos inteiramente receptivos às energias superiores, usamos os atributos que temos sem nenhuma culpa ou reserva, sabendo que jamais estamos sós. As energias que agem por nosso intermédio acabam por nos ampliar a consciência, e vemos então que não existe uma vida e nós, separados dela. Nossa própria vida fica à disposição da grande Vida que a inclui, e nada mais resta de fora.

Nesta coleção

O Matrimônio superior

A única coisa necessária

A cura dos apegos

Optar por viver

A busca da serenidade

O que não se pode prever

A cura

A solução está pronta

A função do sofrimento

Curar é simples

Jejum de preocupação

A busca espiritual

Em nome da clareza

Cura e oportunidade

Três processos de cura

Transforme-se

O despertar da Terra

O corpo físico na cura

Exercício da vida

Curadores

A cura cósmica

IRDIN

Editora sem fins lucrativos.
Destina-se a difundir
informações que promovam
a expansão da consciência
do ser humano.

Se você quiser contribuir para a
publicação e circulação dessas obras,
escreva para: info@irdin.org.br
ou visite o site: www.irdin.org.br

Para muitos, vida material é uma coisa e vida espiritual outra. Mas, na verdade, somos continuamente atraídos para o Alto, pois tudo faz parte do caminho para a união com o Infinito.

ISBN 978-85-60835-41-6